

## NATUREZA-MORTA: PRÁTICAS ARTÍSTICAS COM O LIXO

EDUARDO TOLEDO SILVA<sup>1</sup>; RAQUEL SANTANA BETUN<sup>2</sup>; ALICE JEAN MONSELL<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas – baixistaeduardo@gmail.com

<sup>2</sup>Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas – raquelsbetun@gmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – alicemondomestico@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Atuando como bolsista de iniciação científica PIBIC 2019-2020 do CNPq/UFPeI, realizo, neste trabalho, uma reflexão teórica sobre as propostas artísticas iniciais sendo elaboradas no projeto *Sobras do Cotidiano e contextos dx Artista em Deslocamento do Centro de Artes/UFPeI*, pesquisa na área de Artes Visuais, vinculada ao Grupo de pesquisa *DesIOCC - Deslocamentos, observâncias e cartografias contemporâneas (CNPq/UFPeI)*. Dentre os objetivos desta pesquisa, um deles é o de desenvolver uma poética visual a partir do reaproveitamento de materiais velhos, usados ou coletados.

Neste trabalho em andamento pretendo refletir sobre uma série de desenhos intitulada *Natureza morta* (Figura 1), propondo outro ponto de vista a respeito do gênero da imagem a partir das preocupações de poluição do meio ambiente. As questões para a reflexão teórica emergem do modo de montar e apresentar os desenhos que representam embalagens. Outra questão é o uso do título que brinca ironicamente com o gênero tradicional natureza-morta, e o fato das embalagens que foram representadas no desenho estarem materialmente compondo a obra como *sobras* (MONSELL, 2009).

A natureza-morta na arte se tem relato desde o século XVI:

Objetos inanimados são representados na pintura desde a Idade Média, em geral como fundo de pinturas religiosas de cunho realista. Mas é somente em meados do séc. XVI que a natureza-morta emerge como gênero artístico independente em obras de pintores como Pieter Aertsen (1507 ou 1508 – 1575) e Jacopo Bassano (ca.1510 – 1592), que articulam os temas religiosos à vida cotidiana e às cenas de gênero (ENCICLOPÉDIA ITAÚ, 2008).

Entretanto, podemos dizer que artistas como Jean-Siméon Chardin (França, 1699-1779) evidencia a atividade humana pela disposição dos objetos em cena e, Pablo Picasso (Espanha, 1881-1973) faz arranjos com objetos díspares em composições e colagens (ENCICLOPÉDIA ITAÚ, 2008). Sendo assim, transformando no decorrer do tempo, a importância do gênero para abordar assuntos de forma, luz e composição por meio da representação de objetos ou o uso dos mesmos. A arte conceitual também se relaciona com este trabalho, uma tendência dos anos 1960, que se preocupava com o salto imaginativo e não a execução da obra (JANSON, 2001).

Também é importante saber que este trabalho foi realizado para a exposição *Sobras do Cotidiano: meio ambiente, deslo.c.c.....amento, poéticas de resistência*, realizada no Hello! Hostel Pelotas de 16 de novembro a 16 de dezembro de 2018. Em que o objetivo da exposição foi apresentar e divulgar trabalhos dos colaboradores desta pesquisa, nos quais foram utilizados materiais reaproveitados e/ou resíduos coletados em locais público ou privado. As obras dialogam com questões da degradação e poluição da natureza, do consumo e descarte inapropriado de produtos e práticas diárias não sustentáveis.



Figura 1. *Natureza morta*. Desenho com assemblagem, 2018. Fonte: Daniel Moura.

## 2. METODOLOGIA

Nesta pesquisa na área de Artes Visuais adotamos a metodologia de pesquisa em poéticas visuais que parte da realização da prática artística; depois, uma análise dos procedimentos do processo de elaboração das obras, neste caso, desenhos da onde surgem as questões teóricas. De acordo com REY (1996, p.89) “toda obra contém em si mesmo a sua dimensão teórica” e, concomitantemente, “o pesquisador produz seu objeto de estudo ao mesmo tempo que desenvolve a pesquisa teórica”.

O processo criativo que parte da atitude artística de reaproveitar resíduos sólidos e transformar em material da obra se desenvolveu em ações coletivas de caminhar e limpar, desenvolvidas na praia do Laranjal e propostas como prática artística e estética (notando que o ato de caminhar, pensado como ato estético é fundamentado no livro de Francesco CARERI (2013), *Walkscapes: O caminhar como prática estética*, já que o deslocamento é um dos procedimentos de base do *Grupo de Pesquisa Des/OCC*). Foram duas caminhadas coletivas na praia do Laranjal, Pelotas – RS com o propósito de recolher o lixo na margem da Lagoa dos Patos e utilizar os resíduos sólidos como meios artísticos em obras tridimensionais ou os fotografar. O resultado foi uma série de cartões postais (Arte postal), depois da primeira caminhada, em que cada participante produziu pelo menos um cartão; e na segunda, o processo levou ao amadurecimento de uma percepção teórica e crítica a respeito da nossa cultura, pois observamos que todo resíduo coletado era fruto de festas, passeios e manifestações religiosas.

Com este trabalho, utilizo materiais de uso pessoal do meu cotidiano e elaboro uma reflexão crítica a respeito dos detritos indesejáveis dentro do espaço privado, produzindo então, três desenhos feitos com pastel oleoso sobre tampas de marmitas de isopor descartáveis e dois desenhos feitos com pastel seco sobre papel canson. No processo criativo, primeiro, embalagens vazias serviram como modelos. Desenho uma

garrafa Pet tanto para Guaraná de dois litros quanto sabão líquido, uma lata para refrigerante e achocolatado em pó, uma caixa para balas TicTac e plásticos Pet para xampu, que foram utilizadas como modelos da natureza-morta. Posteriormente, os próprios objetos ganham nova função na montagem do desenho, criando uma *forma de apresentação* (FERVENZA, 2007) inesperada, que se refere à disposição do objeto *apropriado* (embalagem-lixo). Pois, para montar os desenhos no espaço da exposição foi criado um *modo de apresentar*, onde o resíduo sólido (embalagem) é colado com fita tanto na parede como no papel.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este trabalho desenvolve uma reflexão crítica, dentro de minha poética visual, a respeito da poluição da natureza e o mal aproveitamento de materiais. O gênero natureza-morta é utilizado de forma irônica para estimular a reflexão sobre o meio ambiente e o acúmulo de lixo, especialmente embalagens que constitui uma boa parte do lixo produzido dia após dia.

O título do trabalho *Natureza morta* pode ser entendido como um jogo de palavras, em que provoca a assimilação de morte da natureza ao mau encaminhamento do lixo encontrado atrás da imagem, dando a entender como a degradação do meio ambiente. Em um primeiro momento o espectador olha para as representações de frente, apenas como desenho em duas dimensões, mas depois percebe o espaço que existe entre o suporte e a parede (Figura 2). Nesse segundo momento o espectador, olhando por outro ponto de vista, enxerga a embalagem, que antes estava ocultada pela imagem, e passa a reconhecer como lixo.



Figura 2. *Natureza morta*. Desenho com assemblagem, 2018. Fonte: Daniel Moura.

A aproximação que o espectador faz da embalagem com o lixo pode acontecer por principalmente dois motivos. O primeiro ocorre quando o espectador vê a embalagem vazia, esgotada, e por tanto já utilizada, sem a função que originalmente tinha se tornando descartável. O segundo motivo se dá pela prática social de marginalizar o lixo, julgando o material automaticamente como um detrito sólido que deve ser eliminado, afastado, ou ocultado do nosso meio social.

Para citar o caso europeu, a vida nas cidades medievais implicava em uma promiscuidade com dejetos, carcaças de animais mortos e restos de alimentos atirados a esmo nas ruas e praças. Odores oriundos da putrefação e do esgoto empestavam as cidades, acometidas por surtos de peste bubônica e outras doenças provocadas pelos detritos (WALDMANN, 2010, p.34).

Quando monto as embalagens atrás do suporte na parede pode acontecer um instante de surpresa, criando um *vão de estranhamento*, que suscita questões sobre nossa prática diária de manter o distanciamento do lixo. Quando “escondo” a embalagem na obra estou colocando-a na posição de algo que deve ser mantido fora de vista, como o lixo, reproduzindo esta prática de marginalizar os detritos para evitar doenças ou maus odores. Sua disposição também evita fetichizar o lixo ou o enobrecer com o status de “arte” e, assim, ironicamente, ‘preserva’ o conceito de inutilidade da nossa cultura em relação à obra de arte pensada como ‘objeto inútil’.

#### 4. CONCLUSÕES

Por fim, nesta pesquisa em andamento, pretendo continuar trabalhando com *sobras do cotidiano* e aprofundar minha linguagem visual para dialogar com o lixo, os materiais em desuso, os resíduos sólidos e as embalagens coletadas. Percebo os avanços da minha percepção crítica e teórica a respeito da degradação ambiental e, como é importante mantermos este assunto como umas das prioridades na contemporaneidade.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NATUREZA-MORTA. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo360/natureza-morta>>. Acesso em: 11 de Set. 2019. Verbetes da Enciclopédia.

REY, S. Da prática à teoria: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em poéticas visuais. **Porto Arte**: revista de artes visuais. Porto Alegre, v. 7, n. 13, p. 81-95, nov. 1996.

MIRACCO, Renato; BANDEIRA, Maria Cristina. **Giorgio Morandi**: e a natureza-morta na Itália. Milano: Fondazione Antonio Mazzotta. 2006.

WALDMAN, M. Lixo: cenários e desafios: abordagens básicas para entender os resíduos sólidos. São Paulo: Cortez, 2010.

JANSON, H. W. **História da arte geral**: o mundo moderno. São Paulo: Martins Fontes. 2001.